

“DE UM BRASIL QUE ERA FELIZ E SABIA”: A PERSUASÃO E A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE FUTURO ¹**“DE UM BRASIL QUE ERA FELIZ E SABIA”: PERSUASION AND BUILD-UP OF A PROPOSAL FOR THE FUTURE**

DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e19286

Beatriz Farias Mendes²
Alão Aguiar³
Gabriel de Souza Soares⁴
Joel Levy da Silva Pereira⁵

Resumo: A semiótica contemporânea tem conduzido seus horizontes rumo ao estudo da persuasão em textos veiculados às grandes massas (Fontanille, 2016). Este trabalho compreende-se nessa perspectiva ao analisar um tweet do perfil @LulaOficial, observando as estratégias empregadas no fazer persuasivo do texto. Para isso, utilizou-se a semiótica clássica (Barros, 2005; Fiorin, 1996; Greimas, 1986, 2022), seus desdobramentos na semiótica plástica (Pietroforte, 2016) e na comunicação de massas (Fontanille, 2016; Teixeira, 2022, 2023), detalhando a tarefa do enunciador de conquistar, mediante os aspectos discursivos e narrativos, a adesão dos enunciatários a um programa conjuntivo do passado por meio de um enunciado sincrético.

Palavras-chave: semiótica discursiva; comunicação de massas; manipulação; persuasão; política.

Abstract: Contemporary Semiotics has expanded its horizons towards the study of persuasion in texts addressed to the masses (Fontanille, 2016). This work follows this perspective analyzing a tweet from the @LulaOficial profile, aiming to observe the strategies used in its persuasion. For this, we used Classical Semiotics (Barros, 2005; Fiorin, 1996; Greimas, 1986, 2022), its developments in Plastic Semiotics (Pietroforte, 2016) and mass communication (Fontanille, 2016; Teixeira, 2022, 2023), detailing the enunciator's task of conquering, through discursive and narrative aspects, the enunciatees' adherence to a past conjunctive program through a syncretic discourse.

Keywords: discursive semiotics; mass communication; manipulation; persuasion; politics

¹ Este trabalho desfrutou de um longo período de análise e contou com a colaboração de muitas pessoas. Dentre essas, agradecemos especialmente à prof.^a Dra. Carolina Lindenberg Lemos, pelo seu tempo cedido para ouvir nossas dúvidas e avaliar nosso trabalho, e a Isabela Velasco e Táris Lima, pelas tantas horas de discussão nos primeiros contatos com nosso objeto.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduada em Letras - Português e suas Literaturas pela mesma instituição. E-mail: portbeatrizmendes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6779-5483>.

³ Graduanda em Letras - Português e suas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: alaooliveira.pf@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3161-860X>.

⁴ Graduanda em Letras - Português e suas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: gabrielsouza23@alu.ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0851-1839>.

⁵ Graduando em Letras - Português e Francês e suas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: joellevy11@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1310-8937>.

Introdução

Enquanto atividade humana, a política é de nosso interesse uma vez que pode “ser considerada na atividade cotidiana de seus indivíduos, na *defesa e realização* de seus interesses sociais e individuais, ou como *exercício* de poder, organizado com o objetivo de *comandar* ou *orientar* os destinos de determinado agrupamento humano” (Teixeira, 2022, p. 65, grifos nossos). Todos esses lexemas – defesa, realização, comandar – reverberam diretamente em um fazer que não é individual, mas tomado em conjunto e que, portanto, apontam para estratégias discursivas de persuasão. Como apontado por Greimas (1974) em “L’Enonciation: une posture épistémologique”, podemos observar a dinâmica da enunciação como um processo em que o sujeito dessa é também aquele que transmite um saber, indicando uma relação de destinador/destinatário no fazer enunciativo. Greimas aponta para a enunciação como um lugar de veridicção, uma vez que ao transmitir uma mensagem “transmito não somente a mensagem, mas também minha estimativa de caráter mais ou menos verídico desta constatação” (Greimas, 2024, p. 20)⁶.

O fazer persuasivo do enunciador-manipulador, portanto, constitui-se como uma preocupação e um objeto de interesse de diversos estudos semióticos, incidindo tanto em estudos sobre corpus literários ou não-literários, como discursos políticos, notícias de jornal e postagens nas redes sociais (Teixeira, 2022; Ludovice, 2008; Lucena, 2023; Ferreira, 2023). Nas pesquisas atuais em semiótica e com o alargamento de seu objeto, viu-se a necessidade de mais formulações teóricas a fim de proporcionar aos pesquisadores ferramentas de trabalho para explorar esses outros objetos sem que se extrapole seus limites de imanência da teoria (Portela, 2008).

Dentre essas propostas, deparamo-nos com a semiótica das práticas (Fontanille, 2008), que visa estabelecer um percurso ou os limites para o plano da expressão, mas também com a semiótica plástica (Pietroforte, 2016) e a semiótica tensiva (Tatit, 2010a, 2010b), dentre outros desdobramentos. Com essa formulação podemos abarcar outros objetos, que demandam que adentremos seus suportes de enunciação ou as dinâmicas sociais em que se inserem, por exemplo. A abertura para outras semiótica-objetos tornou possível trabalhar com o que

⁶ O texto de Greimas (2024) é uma republicação da tradução do texto de Greimas (1974) realizada por Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz e Jean Cristtus Portela, pela primeira vez em 1974, na revista *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, e, posteriormente, na revista *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, em 2024.

chamaremos de semiótica de massas ou ainda semiótica das mídias (Fontanille, 2016), textos esses que têm um alcance bem maior do que apenas um enunciatário.

Dentre diversos objetos, no que tange a esfera política, a semiótica tem procurado explicar as estratégias de persuasão e conquistas de seus sujeitos-objetos, figurativizados em seus enunciatários. Trabalhos como os de Lucia Teixeira (2022, p. 65), que analisam “a vitória eleitoral da extrema-direita no Brasil, nas eleições presidenciais de 2018, com base em algumas imagens de campanha” ou de Camila Ludovice (2008), cujo principal objetivo é analisar as relações passionais nas propagandas do candidato Lula à presidência no ano de 2006, contribuem com um importante panorama da semiótica nacional no âmbito político.

No entanto, observamos que ainda são poucas as pesquisas sobre as estratégias discursivas referentes a um momento mais recente de nossa história: aquele entre a libertação de Luís Inácio Lula da Silva e sua eleição como Presidente da República pela terceira vez. As eleições presidenciais de 2018 e os momentos subsequentes, além de decisivos para a história do país, podem ser compreendidos dentro da luta por território no âmbito da comunicação de massa. Durante a vitória de Jair Bolsonaro em 2018, a prisão e libertação de Luiz Inácio Lula da Silva, a pandemia de Covid-19 e as eleições de 2022, a esfera da comunicação prosseguiu decisiva para como construíamos sentido à nossa volta por meio da linguagem. Nesse aspecto, deparamo-nos com questões que redundam ao interesse da Semiótica Discursiva e seus desdobramentos, uma vez que se trata, antes de tudo, de uma teoria sobre o sentido do discurso.

Partimos da premissa de que a enunciação se configura como um fazer persuasivo (Greimas; Courtés, 1983): fazer-criar e fazer-fazer, modalidades possíveis de estarem presentes nas estratégias de enunciação, tomam parte em uma série de estratégias de convencimento que nem sempre se apresentam como tal. Sobre uma dessas situações é que nos debruçamos, ao analisarmos uma postagem no perfil do Twitter/X de Luiz Inácio Lula da Silva – na época, ex-presidente do Brasil.

Figura 1 - postagem no perfil @LulaOficial acessada em 3 de junho de 2021, quando a captura de tela foi tirada



#tbt de 2007. De um Brasil que era feliz e sabia.
#equipeLula

Foto: Ricardo Stuckert



Fonte: publicação feita em 30 de julho de 2020 no perfil @LulaOficial no Twitter/X (2020).
Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1288868699802406912>

Partindo da semiótica clássica e de seus desdobramentos, como a semiótica plástica, a semiótica tensiva e da semiótica de comunicação de massas, analisamos as estratégias discursivas que constroem o texto apresentado na Figura 1 enquanto um objeto sincrético voltado à persuasão.

Unindo dois planos da expressão distintos que se homologam (Lemos, 2016), o texto aponta para uma via de sentido peculiar e poderosa, pautada no fazer-criar e que instaura tanto um saber como um fazer. Situado após a libertação e absorção judicial de Lula e antes da época oficial de campanhas eleitorais, no nível de sua cena predicativa, a postagem constrói a possibilidade de um cenário nacional em que o país voltaria a estar em conjunção com a

felicidade. Nesse viés, mais do que apresentar os programas narrativos e as debreagens instauradas no texto, demonstraremos como as estratégias persuasivas nele presentes propõem Lula como líder mais uma vez.

1 Dois planos de significação

Ao analisar a foto do perfil @LulaOficial, lidamos de antemão com um objeto sincrético, uma vez que une dois elementos dispostos em expressões distintas — verbal e visual — que, justapostos, têm suas diferenças suspensas e se encaminham em uma mesma direção de sentido (Lemos, 2016). No caso, o texto atrela a foto de Ricardo Stuckert ao conteúdo verbal da postagem, requerendo a análise de duas formas de expressão distintas e seus respectivos conteúdos. A fim de melhor analisá-las, primeiro analisaremos a imagem, seus aspectos plásticos e figurativos, e em seguida a legenda que a acompanha, para, por fim, nos debruçarmos sobre a cena prática que integra essas materialidades.

Quando nos deparamos com a imagem, vemos ao fundo uma massa de pessoas que tem, à sua frente, uma figura desfocada e deslocada à esquerda. No modo como se apresentam, esses dois elementos principais se orquestram de maneira que a massa engloba a figura desfocada. Essa oposição topológica é reforçada em termos de cromatismo, de modo que o englobante se opõe ao englobado em uma relação de colorido *vs.* monocromático (Pietroforte, 2016, p. 40). O colorido é a parte que engloba a figura de branco deslocada na foto, de modo que o englobado – Lula – irrompe da margem esquerda e é tanto envolto pela massa quanto se distingue dela.

Figura 2 - massa trabalhadora sorrindo e direcionamento dos olhares



Fonte: formulação própria

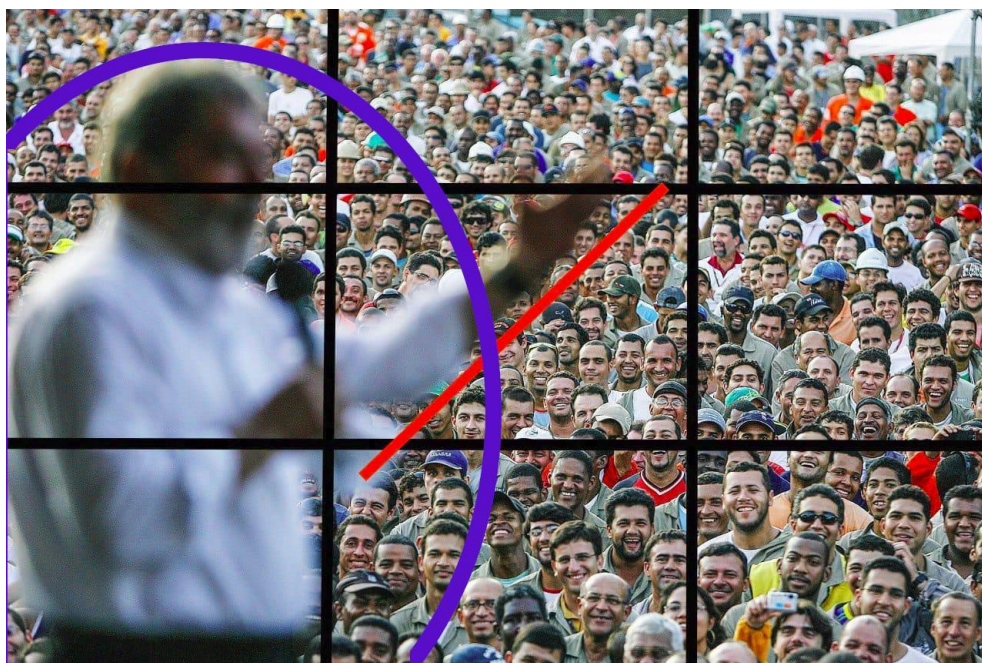
A figura de Lula não se opõe às demais só em termos cromáticos quanto também às formas e à proporção que elas tomam no âmbito eidético: ao fundo temos várias pessoas que chegam a se perder na multidão, como vários pontos pequenos, enquanto o Lula ocupa quase toda a lateral esquerda em uma figura singular e mais linear (Figura 2). Como aponta Pietroforte (2016), nas manifestações plásticas, diferentes formas podem se relacionar a partir do que o texto em si propõe. No campo eidético, apontamos uma oposição entre um plural pontilhado vs. um singular uniforme, sendo este desfocado. Apesar das diferenças de proporção e de quantidade, a foto focaliza e dá saliência, em um primeiro olhar, à massa.

No plano do conteúdo, notamos que essa massa suscita semas de algo popular e comum, uma vez que é formada majoritariamente por homens de uniforme e cuja pele tem tonalidades distintas, entre claras e mais retintas. Pela junção das figuras de uniforme e pela diversidade delas, apontamos a existência de uma isotopia de massa trabalhadora em um estado eufórico, uma vez que todos estão sorrindo como apontado pelos círculos e setas na Figura 2. A figura desfocada à esquerda, Lula, por sua vez, aparece como secundária, devido a seu desfoque, mas ainda relevante nas proporções que toma, por ser a ela que se dirigem os olhares das pessoas sorrindo e pela posição topológica que ocupa: relativamente distanciado e diferente da massa, ele segura um microfone e gesticula para as pessoas, construindo, então, a tematização da liderança.

Além do sema de liderança, retomado tanto pela disposição dos elementos quanto pelo próprio conteúdo apreendido, a figura de Lula convoca da dimensão do uso outros papéis temáticos, por sua configuração discursiva de enunciações passadas (Ludovice, 2008)⁷, notadamente o do populista. Retomando a construção da isotopia de massa trabalhadora, advogamos ainda por um elo de identificação entre essas duas figuras principais – Lula e a massa trabalhadora – de modo que isso as aproxima figurativamente.

No entanto, no plano da expressão, eles se distanciam. Como dito anteriormente, Lula e a massa se diferenciam pelo cromatismo — monocromático vs. colorido — pelas formas e dimensões eidéticas — plural pontilhado vs. um singular uniforme — e pelas relações topológicas que eles estabelecem entre si – englobado vs. englobante. Além disso, a análise das formas nos permite afirmar que além de ser um corpo maior e retilíneo, deslocado majoritariamente à esquerda, o braço de Lula irrompe a multidão no centro da fotografia.

Figura 3 - fotografia recortada em terços com ênfase topológica e eidética



Fonte: formulação própria

Observando a disposição das formas na expressão e das figuras no conteúdo, no ponto central, nos deparamos com a massa trabalhadora sorridente e com uma parte da figura de

⁷ Em seu trabalho, a autora reconhece, na construção do ator Lula no período de 2006 (muito próximo do momento da foto), o papel central de sua identificação com o povo: “O povo é o presidente e o presidente é o povo”

liderança. Além disso, o próprio caráter englobante discutido anteriormente, além de diferenciar as figuras, também contribui para um efeito de união da massa com a figura de liderança.

Podemos pensar também na figuratividade no âmbito da linguagem verbal, em que somos apresentados às figuras mais específicas, como “Brasil” e o adjetivo “feliz”. Podemos apontar que esse Brasil se trata do Estado-nação, mas, para além disso, ele é antropomorfizado, uma vez que é caracterizado figurativamente como “feliz”, e apresenta também uma dimensão cognitiva, percebida pelo “sabia”.

De certo modo, o movimento de antropomorfização está demarcado verbalmente, mas ao tratarmos de um objeto sincrético observamos também como as diferentes expressões dialogam. Isto é, ao colocarmos em diálogo verbal e não-verbal enquanto um texto só, percebemos que a antropomorfização, enquanto estratégia discursiva, é reforçada pelo texto visual, equacionando Brasil a “povo trabalhador”. Assim, unindo a isotopia de massa trabalhadora na fotografia à figura do Brasil no enunciado verbal e as figuras dos sorrisos com o adjetivo “feliz”, as pessoas na imagem se tornam sinônimo de povo brasileiro, povo este que trabalha e é parte das camadas mais baixas – representando aqui o país como um todo. Assim, ao identificarmos a massa trabalhadora na foto como Brasil e este está em conjunção com a felicidade, propõe-se uma identidade entre esta e a figura do Lula, visto que é para ela que se direcionam olhares e sorrisos.

Os enunciados verbal e visual espelham um ao outro em uma estratégia que constrói, de certo modo, a homogeneização no plano do conteúdo (Lemos, 2016). Mais do que isto, a fotografia, por sua alta densidade figurativa, adiciona um efeito de iconicidade ao enunciado (Lima, 2010), contribuindo ao parecer verdadeiro do programa narrativo. Para além das figuras, a qualidade sensível da expressão plástica também mobiliza o sujeito enunciatário, captando sua atenção antes da apreensão do próprio conteúdo, como discutido em Lima (2010). Dessa forma, o sincretismo, especificamente na dimensão da experiência figurativa, aqui cumpre um importante papel argumentativo, uma vez que contribui para o fazer saber do enunciatário ao demonstrar visualmente o que o enunciador propõe no texto verbal tanto pelo apelo veridictório, quanto pelo apelo sensível.

2 Estratégias de ancoragem na enunciação

Compreendidos os aspectos figurativos e plásticos, passamos então a discutir a organização temporal do texto, enquanto mecanismos de ancoragem. Observando o tweet analisado, percebemos na parte verbal alguns elementos responsáveis por essa ancoragem: “#tbt

de 2007”, “era” e “sabia”. O tempo verbal pretérito imperfeito das formas “era” e “sabia” criam um momento de referência passado, especificamente o ano de 2007, e um momento do acontecimento concomitante a este momento de referência (Fiorin, 1996).

O momento de referência dessas formas não é concomitante ao momento da enunciação pressuposta, ou seja, não há coincidência entre os dois, de modo que a não-concomitância cria um efeito enuncivo, de afastamento, que situa o enunciado de estado de conjunção para longe do presente. Assim, ele sugere a ruptura desse programa no momento concomitante ao da enunciação enunciada. Ao mesmo tempo, o aspecto durativo e inacabado do pretérito imperfeito prolonga e ressalta essa conjunção (Fiorin, 1996), atenuando esse afastamento e projetando o acontecimento para mais perto do presente, o que contribui para uma esperança de que esse momento retorne.

Contudo, o “#tbt de 2007” não apenas marca o acontecimento no passado, mas representa um movimento de retorno, uma vez que no inglês *throwback* pode ser traduzido literalmente como “jogar para trás”, “retornar”. “Trás” pode ser compreendido dentro de um sistema enunciativo, já que não localiza um ponto absoluto no tempo (aqui metaforizado como espaço) mas o coloca em posição relativa a uma “frente”, o presente. Dessa maneira, o uso da hashtag coloca o momento de acontecimento passado em relação a um momento de referência presente marcados no momento da postagem.

Fiorin (1996) já havia descrito as possibilidades de outras expressões que ancoram o tempo neutralizarem a debreagem instaurada pelos tempos verbais, destacando advérbios e preposições. Embora linguisticamente não se enquadre dentro das classes previstas, é isso que a hashtag opera, uma vez que, ao descrever o mesmo momento de acontecimento, justapondo dois momentos de referência distintos, a oposição da enunciação enunciada concomitância vs não-concomitância é suspensa, alcançando uma embreagem de tempo.

Partindo para a ancoragem de pessoa, nota-se no corpo do tweet uma antropomorfização do espaço Brasil, como argumentado anteriormente, permitindo encarar essa figura como uma marca enunciva, um “ele”. Há ainda a marcação #equipeLula, que parece evidenciar a redação do texto, mas também está marcada na terceira pessoa. Na foto, o desfoque do primeiro plano, com a posição lateralizada da figura do presidente, e o direcionamento dos olhares da massa para Lula (como mostrado na figura 2) reforçam esse afastamento do momento da enunciação na debreagem de pessoa.

Por um lado, se formalmente reconhecemos a categoria de pessoa como afastada da enunciação, é notório que o “ele” retratado na foto é o mesmo enunciador, Lula; da mesma forma, até mesmo pela própria isotopia de povo, percebe-se que “Brasil” inclui tanto o próprio enunciador, e a massa de trabalhadores representada, mas também o enunciatário, que deve projetar-se enquanto narratário e reconhecer no post uma lembrança — e uma esperança — sua.

Assim, tem-se que o uso do “ele” para se referir a um “eu-tu” causa uma identificação dos sujeitos da enunciação com os sujeitos do enunciado, suspendendo numa embreagem de pessoa, a oposição pessoa *vs* não-pessoa (Greimas; Courtés, 1983; Fiorin, 1996), e reforçando as suspensões operadas pela embreagem de tempo. Dessa forma, mesclam-se presente e passado para enfatizar a possibilidade de restabelecimento da conjunção narrativa, e o enunciatário se enxerga como parte de um Estado-nação, que também causa uma identificação com o enunciador Lula para além das isotopias.

3 O fazer persuasivo do saber

Uma vez que encaramos o sincretismo verbal com o não-verbal, admitimos a existência de programas narrativos que se espelham e se reiteram, intensificando-se mutuamente. Haja vista que o corpus analisado propõe mais de uma marcação temporal, reconhecemos a organização da ancoragem em dois momentos – um momento de não-concomitância anterior e um momento de concomitância presente.

Figura 4 - legenda recortada

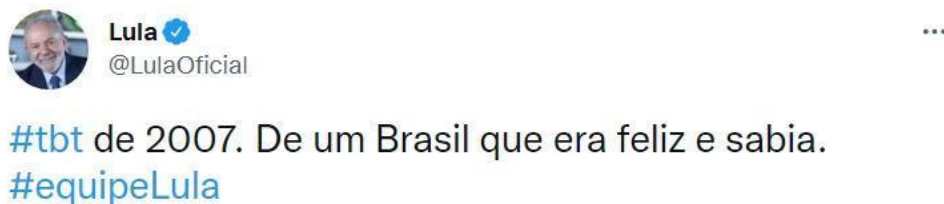


Foto: Ricardo Stuckert

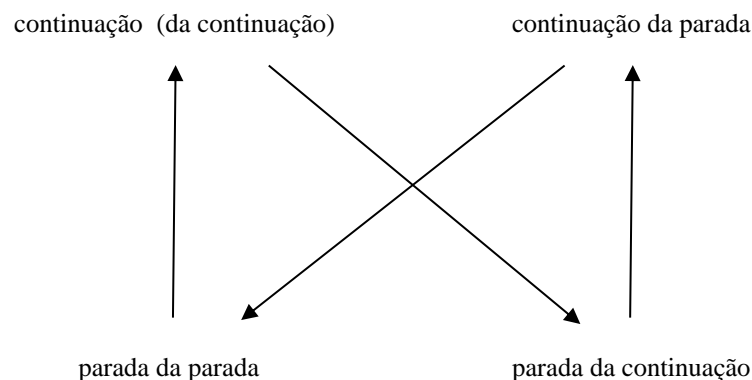
Fonte: formulação própria

Na anterioridade, demarcada pelo #tbt em relação ao ano de 2007 e pelos verbos “ser” e “saber” no pretérito imperfeito, são estabelecidas relações argumentativas utilizadas posteriormente como forma de manipulação modal do sujeito. Encarando esse enunciador como

destinador, ele instaura no interior do discurso tanto os fatos pragmático-cognitivos, demarcado pelos verbos supracitados quanto os valores axiológicos que os encobrem – um Brasil feliz – que, ao apresentá-los ao seu destinatário-enunciatário, instaura nesse sujeito esses valores modalizantes. É nessa anterioridade, então, que se instaura tanto Brasil e felicidade como sujeito e objeto de valor em uma relação de conjunção que, pela construção frasal, mostra-se bastante euforizada.

Se pelo uso do pretérito imperfeito, o enunciado ancora o momento do acontecimento – ser e saber – em uma anterioridade que se difere do momento da enunciação, pela demarcação da não concomitância na temporalidade o enunciado denuncia a disjunção entre sujeito e objeto: um Brasil que era feliz, mas que agora não é. Notada a disjunção presente, em uma relação de continuações e paradas de estados juntivos, podemos compreendê-la como uma continuação da parada de um fluxo outrora estabelecido (Tatit, 2010). Se no momento concomitante à enunciação há a disjunção de um sujeito e objeto outrora conjuntos, cuja trajetória estava em continuação, depreendemos que em dado momento houve uma mudança pragmática na relação juntiva - a parada da continuação.

Figura 5 - Quadrado semiótico do fluxo de continuações e paradas



Fonte: Tatit (2010)

Uma vez que na legenda temos um enunciado que aponta para a conjunção do sujeito com a felicidade, ao analisarmos o enunciado não verbal, percebe-se como ambas as expressões se compõem numa única totalidade. Reiteramos e reforçamos assim, conforme discutido na seção anterior, que o sincretismo entre as linguagens verbal e visual vai operar um sincretismo também entre o objeto “felicidade” e o ator Lula.

Como o momento da enunciação é marcado pela quebra da conjunção antes estabelecida, observado pela frase “um Brasil que era feliz e sabia”, podemos compreender que a concomitância é marcada pelo estado de disjunção. No entanto, ao observarmos as relações actanciais no momento da enunciação, vemos que os papéis permanecem e que não percebemos marcas de mudanças no universo axiológico que revestem tais papéis, de modo que o sincretismo que compõe o enunciado reforça a euforização da figura Lula.

Assim construídos o programa narrativo e os valores axiológicos a nível do texto-enunciado, percebemos, nessa dinâmica, a forte presença do destinador enquanto enunciatário do texto, situado já no nível da cena predicativa (Fontanille, 2008): o responsável por dar ao sujeito tanto os elementos de competência modal, como também por comunicar os valores predominantes naquela narrativa (Greimas; Courtés, 1983). Nesse caso, ele se faz presente na instância da enunciação enunciada dotando o destinatário — o leitor — do saber acerca dos programas narrativos e dos valores que o envolvem. Assim, cria-se um “parecer-ser” de que havia felicidade geral da população brasileira quanto à liderança do então presidente Lula em 2007.

Tal enunciado se insere em um período cronológico após a soltura do então ex-presidente — ocorrida em novembro de 2019 —, cuja prisão fora fortemente questionada, após tornar-se elegível novamente — em março de 2021 —, e anterior a qualquer período eleitoral. Antes de se mostrar como uma propaganda eleitoral fora de época, o que o tweet constrói é seu parecer ser verdadeiro.

4 A proposta de conjunção

Ao longo das sessões anteriores, chamamos a atenção para dois níveis textuais de modo geral: o fazer da enunciação e o que constrói o texto enunciado que sincretiza as expressões verbal e visual. Agora, chamamos a atenção também para o sincretismo entre esses dois níveis.

Como dito anteriormente, o sujeito Brasil, representado visualmente pela massa trabalhadora, é apresentado ao enunciatário como feliz na conjuntura passada, de modo que dentro da dinâmica da enunciação o leitor também é destinatário, dotado da competência, agora, do saber. Uma vez que o enunciado verbal está escrito em língua portuguesa e apresenta visualmente uma massa trabalhadora miscigenada como a do povo brasileiro, podemos apontar que o enunciatário pretendido é esse povo, enunciado como “Brasil”. Dessa forma, na posição

de destinador-enunciador que comunica a um destinatário-enunciatário, podemos afirmar que ele – Lula – incide sobre o destinatário Brasil um saber sobre a situação passada.

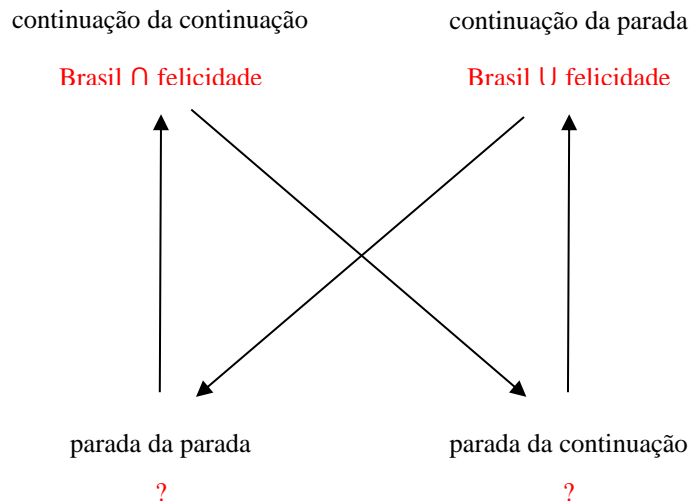
Notamos que, em um processo mais englobante de certas estratégias, a persuasão procura provocar o fazer do outro (Greimas; Courtés, 2008, p. 334) perpassando a argumentação e a manipulação. Como aponta Leonardo Ferreira (2008), essa tríade (argumentação, manipulação, persuasão) se relaciona por meio de conceitos interdefiníveis. No caso da manipulação, esta “constitui uma comunicação (fazer saber) em que o destinador-manipulador impele o destinatário manipulado a uma posição de falta de liberdade (não poder não fazer), aceitando o contrato proposto” (Ferreira, 2023, p. 37), de modo que ela se faz por meio da fíducia entre destinador e destinatário.

Apesar da mudança do estado junctivo entre Brasil e Lula, a disjunção só pode ser retomada textualmente por meio da apresentação do que está enunciado sincreticamente no texto: a interrupção da conjunção eufórica e, portanto, desejada, entre sujeito e objeto – Brasil e Lula. Notamos que o destinador dota seu destinatário-enunciatário de um saber sobre si mesmo, comunicando-lhe também que ele tinha condições (poder) para aquela conjunção anterior, cuja crença não é posta em questão no texto e, portanto, se mantém. Brasil, enquanto sujeito, é apresentado como consciente (saber) da euforia da relação.

Apesar da mudança da relação junctiva, o texto não demonstra o que ocorreu, e todos os valores lhe são conferidos por oposição, de modo que o antidestinador ou o antissujeito, responsáveis pela proposição e a realização de programas contrários, são praticamente apagados do texto. Assim, ao observarmos o sincretismo entre o nível da enunciação e do texto enunciado, notamos que a postagem reforça, também, a fíducia entre o destinador – Lula – e seu destinatário – o povo brasileiro.

Estando o destinatário dotado dessa consciência junctiva, quando sobrepostas às relações de fluxos de parada e continuação, chamamos atenção para a perspectiva zilberberguiana de que o destinador é responsável pelos valores emissivos da narrativa, logo, de continuação (Tatit, 2010b), sendo o momento concomitante ao da postagem aquele que se refere à continuação da parada. Por meio do sincretismo entre o enunciatário no nível da enunciação e do sujeito do programa narrativo do texto enunciado, os quais são sincretizados enunciatário-destinador do texto, notamos a doação das modalidades do saber e do poder, propondo um fazer: a volta da conjunção entre o Brasil e a felicidade, entre o povo brasileiro e Lula.

Figura 6 - Quadrado semiótico do fluxo de continuções e paradas



Fonte: formulação própria a partir de Tatit (2010a)

Enquanto “guardião” dos valores emissivos, o destinador cumpre seu papel narrativo de doar as competências e modalidades possíveis para que haja a parada da parada e, portanto a (volta) à continuação da continuação.

5 Persuasão e comunicação de massa

As relações até aqui discutidas dimensionam o texto na instância da enunciação e do fazer presente na manipulação do enunciador. Este tem seu papel definido, na semiótica clássica, por sua oposição ao enunciatário, ambos uma pressuposição lógica do enunciado e, respectivamente, destinador e destinatário implícitos da enunciação (Greimas; Courtés, 1983).

Contudo, na análise de um *tweet*, o próprio suporte do texto analisado adiciona outras camadas à pressuposição e à implicitude desses atores. Em outras palavras, e no caso do objeto analisado, o texto incorre em outro nível de pertinência, considerando o percurso gerativo da expressão proposto por Fontanille (2008): para incorporar questões como a do suporte, considera-se um nível de materialidade maior do que o texto-enunciado *per se*. A nível do texto, a natureza da rede social evidencia o perfil “Lula”, com foto e nome de usuário @LulaOficial, como enunciador; temporalmente, algo semelhante ocorre com a data e a hora da publicação — “1:06 pm” e “30 de jul. 2020” —, explícitas abaixo do corpo do *tweet*, mas de maneira enunciativa. Entretanto, é só quando considerada a pertinência do nível do objeto-suporte, que se reconhece facilmente essas figuras como marcas enunciativas, remetendo à instância da

enunciação, embora textualmente estejam apresentadas na terceira pessoa. Isso evidencia, como afirma Teixeira (2023), que é preciso unir as categorias clássicas da análise de textos verbais escritos, com uma nova noção de discurso digital, que apresenta características próprias, e utiliza esses mecanismos de maneira distinta.

O objeto de análise passa, nesse sentido, por integrações de seus níveis de pertinência. O suporte se condensa, em integração descendente, sobre o nível do texto, ao passo que ambos são praticamente sobrepostos. A partir disso, o objeto se desdobra, em uma integração canônica⁸, do nível do texto ao nível do objeto-suporte e do nível do objeto-suporte ao nível das cenas predicativas, em que o fazer enunciativo ganha força narrativa e o texto recebe um papel em um arranjo actancial. Posteriormente, desdobra-se do nível das cenas predicativas ao nível das estratégias, em que se dá saliência à persuasão no objeto de análise.

Esse último nível atualiza as instâncias inferiores e propõe um simulacro dos parceiros da enunciação. Pragmaticamente, o suporte, como dimensão da corporeidade do objeto, maximizaria a circulação e a recepção do texto para vários tipos de enunciatários, estes associados às mais diversas práticas: desde os enunciatários que curtem, compartilham, seguem, retuitam; até aqueles que deixam de seguir, não leem a postagem, “dão hate”, bloqueiam, denunciam e etc. Porém, aqui, a construção do enunciatário não se trata de uma estratégia englobante, mas daquela que espera desse parceiro uma mobilização provocada pela persuasão do enunciador, para que, enfim, se estabeleçam as fases posteriores à argumentação – a crença, a adesão, a decisão e a ação (Fontanille, 2008).

Para isso, o enunciador parte da construção de uma cena pregressa: funda sua argumentação a partir de um passado conjuntivo. A retratação do passado tem como objetivo estabelecer a crença do enunciatário nas propriedades veridictórias da argumentação. Os esquemas narrativos (como explicitados na seção 4) são enuncivamente projetados a fim de estruturar a argumentação inicial do enunciador e salientar o estado conjuntivo existente na anterioridade. A imagem, nessa via, tem valor argumentativo no efeito icônico que produz sobre o passado discursivo, garantindo-lhe o ideal de um passado dêitico, o que lhe profere um estatuto de “verdade” enquanto prática argumentativa, essencial para privar o enunciatário das condições de dúvida acerca da afetividade do passado.

⁸ Os movimentos entre os níveis de pertinência aqui tratados são uma proposta presente em Fontanille (2008), a partir de um princípio de Benveniste, para integrar os diferentes “degraus” do percurso gerativo da expressão. A integração canônica, então, é a integração ascendente, que segue a expansão dos limites materiais da semiótica-objeto, e vai desde o signo-figura às formas de vida, beirando a própria cultura.

Crete do estado conjuntivo progressivo, o enunciatário-destinatário é levado a se deparar com o presente disjuntivo. O uso das formas verbais “era” e “sabia” o conduzem a um processo de instauração da dor moral, definida por Greimas (2022, p. 5) como

‘sentimento ou emoção pesada resultante da insatisfação dos pendores, das necessidades’, que vem acompanhar a falta cognitivamente constatada, pode ser traduzida como uma /disforia/ aspectualizada à qual se acrescenta uma /intensidade/ cujo grau varia na proporção do valor do objeto perdido.

O enunciatário vê-se, assim, preenchido de nostalgia; preso, metacognitivamente, a um estado apreensivo da “perda do bem”(Greimas, 2022).

A realização desse cenário não representa, necessariamente, uma factualidade à nível comunicativo, visto que nem todos os leitores se sentirão aplacados por um sentimento de nostalgia, tanto quanto a performance do autor nem sempre será efetiva. No estudo da comunicação de massas, enunciador e enunciatário são estruturados como projetos do texto, isto é, são o *éthos* e o *páthos* de um discurso cuja realização se espera ser bem executada (Fiorin, 2004).

Desse modo, a construção figurativa desse enunciador e enunciatário são marcas de sua projeção na instância das formas de vida. O enunciador Lula é representado pelo *éthos* do “líder populista”, a pessoa capaz de guiar o povo porque faz parte do povo, enquanto o enunciatário integra o *páthos* da “massa trabalhadora”, classe social comumente afetada pelas decisões do âmbito político, insinuando, ainda, seu protagonismo e sua possibilidade de fazer.

Considerações finais

A partir das estratégias discursivas analisadas, podemos apontar que o texto constrói uma estratégia de persuasão a partir do sincretismo entre os planos da expressão verbal e visual e pelo sincretismo entre as figuras criadas do enunciatário e do sujeito do texto. Como dissemos anteriormente, o tweet analisado se situa após a libertação de Lula, que lhe conferiu possibilidades de concorrer às eleições novamente, e antes no período eleitoral de 2022 — no qual ele foi eleito. Pelas relações de parada e continuação (Tatit, 2010), percebemos que o texto dá foco praticamente total à continuação da continuação, de modo que o antissujeito que ocasionou a parada nos é apontado muito mais por pressuposição.

Ganha ênfase, então, o ator Lula, enquanto destinador responsável pelos valores emissivos (Tatit, 2010), que opera o papel de “guardião” da continuação ao dar ao enunciatário-

sujeito o saber acerca de suas possibilidades de felicidade e, portanto o poder de estar em conjunção a ela novamente. Por meio da doação dessas modalidades e uma vez que o crer não fora abalado — não percebemos no texto a quebra do contrato fiduciário — o destinador dá ao sujeito também a possibilidade de fazer: ter Lula novamente como líder e voltar à continuação eufórica, a conjunção com a felicidade.

Contudo, os sentidos estruturados a nível do texto, tal como a focalização do programa narrativo citado, incorrem em outros níveis de pertinência (Fontanille, 2008; Portela, 2008), o que possibilitou a percepção do fazer persuasivo presente no enunciado. É no nível da prática semiótica, da enunciação em ato, que ocorre a identificação entre enunciador e destinador. Relembramos, nesse sentido, a integração entre os níveis de pertinência (discutida na seção 5) trazida em Fontanille (2008): os limites materiais do objeto se expandem para inserir o texto em uma dimensão topocronológica, o Brasil pós-libertação de Lula.

Seguindo a integração canônica, é a própria dimensão da prática que dá sentido ao objeto-suporte e ao texto-enunciado, que não saltaria aos olhos do analista como objeto de análise sem tal dimensão. Antes ainda da identificação do *ethos* do “líder populista” que compõe a prática persuasiva no nível das formas de vida, ressaltamos uma estratégia de persuasão cujo fazer foi, de certo modo, efetivo, e conquistou adesão de muitos brasileiros ao contrato proposto: Brasil em conjunção com o Lula.

Isso demonstra papel central dos discursos na construção da realidade social, o que não aparta as preocupações da semiótica das demais preocupações das ciências humanas (Fontanille, 2016). Avaliar a construção do discurso persuasivo é também se apropriar de um estudo que busca compreender o que precede as transformações sociais, partindo do entendimento de que a crença em um candidato político, a campanha e o voto são estágios dependentes da prática enunciativa.

Ao nos depararmos, neste ano de 2024, com um período de greve nas instituições educacionais públicas e reivindicações para a ciência e a educação, restam dúvidas sobre a relação conjunta com a felicidade e sobre a manutenção do laço fiduciário, antes não questionado. Em meio a desdobramentos políticos e históricos, ressaltamos a importância da semiótica como adjuvante na percepção dessas mudanças a partir da integração de dinâmicas sociais para abarcar novos objetos, como textos digitais e de comunicação de massa.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria semiótica do texto*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- FERREIRA, Leonardo Chaves. *A construção persuasiva das fake news sobre Covid-19 em uma perspectiva semiótica*. 2023. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, José Luiz. Semiótica e comunicação. *Revista Galáxia*, [S. l.], n. 8, p. 13-30, out., 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1390/869>. Acesso em: 26 jul. 2024
- FONTANILLE, Jacque. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (org.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008. p. 17-76. Disponível em: <https://issuu.com/lucasdebarbo/docs/semioticaemidia>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- FONTANILLE, Jacque. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. *Estudos Semióticos*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 1-9, dez., 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/127608>. Acesso em: 26 nov. 2023.
- GREIMAS, Algirdas Julien. L'énonciation: une posture épistémologique. *Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, n. 1, p. 9-25, ago. 1974. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90115>. Acesso em: 21 abr. 2024.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Da nostalgia. Estudo de semântica lexical. *Estudos Semióticos*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 01-08, abr., 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/195682>. Acesso em: 26 nov. 2023.
- GREIMAS, Algirdas Julien. A Enunciação (uma postura epistemológica). *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 17, n. 1, p. 10-27, jul., 2024 (1974). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/19054/18651> Acesso em: 29 abr. 2024.
- LEMONS, Carolina Lindenberg. Semissymbolismo e as categorias tensivas subjacentes. *Gragoatá*, Niterói, n. 40, p. 339-353, jul., 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33387>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- LIMA, Elaine Soares de. O texto e seus entornos: a geração do sentido e os níveis de pertinência na proposta de Jacques Fontanille. *Estudos Semióticos*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 10-17, jun., 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49254>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- LUCENA, Mônica Barrêto Nóbrega de. Das cortes de justiça aos palcos midiáticos: estudo do gênero denúncia a partir da Operação Lava Jato. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 58-80, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/203492>. Acesso em: 28 abr. 2024.
- LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo. Lula lá: um presidente do povo e um candidato apaixonado. *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*, Franca, v. 4, n. 4, p. 121-134, jan./dez., 2008. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/226>. Acesso em: 29 nov. 2024.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A semiótica visual. *In: A significação na pintura*. São Paulo: Annablume, 2016, p. 27-52.

PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica midiática e níveis de pertinência. *In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (org.). Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008. p. 95-115. Disponível em: <https://issuu.com/lucasdebarbo/docs/semioticaemidia>. Acesso em: 28 abr. 2024.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto. *In: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística I: Objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010a, p. 198-203.

TATIT, Luiz. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010b.

TEIXEIRA, Lucia. Semiótica e política: um estudo de caso. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 64-80, abr., 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/195448>. Acesso em: 16 nov. 2023.

TEIXEIRA, Lucia. Notas por uma semiótica do espaço digital. *In: TEIXEIRA, Lúcia (org.). Os discursos nas mídias digitais: funcionamento e circulação*. São Paulo: Líquido Editorial, 2023, p. 47-73.

Recebido em 28 de julho de 2024
Aceito em 05 de dezembro de 2024